

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**OBRA POÉTICA**

*Gregório de Matos*

**SUMÁRIO**

CRÔNICA DO VIVER BAIANO SEISCENTISTA

I – O BURGO

II – HOMENS BONS

- 1 – Pessoas muito principais
- 2 – Pessoas beneméritas
- 3 – Homens de bem
- 4 – A nossa Sé da Baltia
- 5 – Espada e espadilha
- 6 – Juízes de Igaraçu
- 7 – Santos unhates
- 8 – A musa praguejadora

III – A CIDADE E SEUS PÍCAROS

- 1 – Ângela
- 2 – Cota
- 3 – Pança farta e pé dormente
- 4 – Maria
- 5 – Custódia
- 6 – Letrados
- 7 – Bárbara ou Babu
- 8 – Antônia
- 9 – Briga, briga
- 10 – Teresa
- 11 – Maria João
- 12 – Adãos de massapê
- 13 – A freira: ralo, roda e grade

## 1— O BURGO

*Meus males de quem procedem?  
Não é de vós? claro é isso:  
Que eu não faço mal a nada  
por ser terra e mato arisco.*

*Isto sois, minha Bahia,  
Isto passa em vosso burgo*

*E pois coronista sou.*

*Se souberas falar também falaras  
também satirizaras, se souberas,  
e se foras poeta, poetaras.*

*Cansado de vos pregar  
cultíssimas profecias,  
quero das culteranias  
hoje o hábito enforcar:  
de que serve arrebentar,  
por quem de mim não tem mágoa?  
Verdades direi como água,  
porque todos entendais  
os ladinos, e os boçais  
a Musa praguejadora.  
Entendeis-me agora?*

*Permiti., minha formosa,  
que esta prosa envolta em verso  
de um Poeta tão perverso  
se consagre a vosso pé,  
pois rendido à vossa fé  
sou lá Poeta converso*

*Mas amo por amar, que é liberdade.*

DESCREVE O QUE ERA REALMENTE NAQUELE TEMPO A  
CIDADE DA BAHIA DE MAIS ENREDADA POR  
MENOS CONFUSA.

A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar a cabana, e vinha,  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um freqüentado olheiro,  
Que a vida do vizinho, e da vizinha  
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,  
Para a levar à Praça, e ao Terreiro.

Muitos Mulatos desavergonhados,  
Trazidos pelos pés os homens nobres,  
Posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,  
Todos, os que não furtam, muito pobres,  
E eis aqui a cidade da Bahia.

À CIDADE E ALGUNS PÍCAROS, QUE HAVIÃM NELA.

Quem cá quiser viver, seja um Gatão,  
Infeste toda a terra, invada os mares,  
Seja um Chegai, ou um Gaspar Soares,  
E por si terá toda a Relação.

Sobejar-lhe-á na mesa vinho, e pão,  
E siga, os que lhe dou, por exemplares,  
Que a vida passará sem ter pesares,  
Assim como os não tem Pedro de Unhão

Quem cá se quer meter a ser sisudo  
Nunca lhe falta um Gil, que o persiga,  
E é mais aperreado que um cornudo.

Furte, coma, beba, e tenha amiga,  
Porque o nome d'El-Rei dá para tudo  
A todos, que El-Rei trazem na barriga.

FINGINDO O POETA QUE ACODE PELAS HONRAS DA CIDADE,  
ENTRA A FAZER JUSTIÇA EM SEUS MORADORES,  
ASSINALANDO-LHES OS VÍCIOS, EM QUE ALGUNS  
DELES SE DEPRAVAVAM.

- 1 Uma cidade tão nobre,  
uma gente tão honrada  
veja-se um dia louvada  
desde o mais rico ao mais pobre:  
Cada pessoa o seu cobre,  
mas se o diabo me atiça,  
que indo a fazer-lhe justiça,  
algum saia a justiçar,  
não me poderão negar,  
que por direito, e por Lei  
esta é a justiça, que manda El-Rei.
- 2 O Fidalgo de solar  
se dá por envergonhado  
de um tostão pedir prestado  
para o ventre sustentar:  
diz, que antes o quer furtar  
por manter a negra honra,  
que passar pela desonra,  
de que lhe neguem talvez;  
mas se o virdes nas galés  
com honras de Vice-Rei,  
esta é a justiça, que manda El-Rei.
- 3 A Donzela embiocada  
mal trajada, e malcomida,  
antes quer na sua vida  
ter saia, que ser honrada:  
à pública amancebada  
por manter a negra honrinha,  
e se lho sabe a vizinha,  
e lho ouve a clerezia  
dão com ela na enxovia,  
e paga a pena da lei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.
- 4 A casada com adorno,  
e o Marido malvestido,  
crede, que este mau Marido  
penteia monho de corno:  
se disser pelo contorno,

que se sofre a Fr. Tomás,  
por manter a honra o faz,  
esperai pela pancada,  
que com carocha pintada  
de Angola há de ser Vísrei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

5 Os Letrados Peralvilhos  
citando o mesmo Doutor  
a fazer de Réu, o Autor  
comem de ambos os carrilhos  
se se diz pelos corrilhos  
sua prevaricação,  
a desculpa, que lhe dão,  
é a honra de seus parentes  
e entonces os requerentes,  
fogem desta infame grei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

6 O Clérigo julgador,  
que as causas julga sem pejo,  
não reparando, que eu vejo,  
que erra a Lei, e erra o Doutor:  
quando vêm de Monsenhor  
a Sentença Revogada  
por saber, que foi comprada  
pelo jimbo, ou pelo abraço,  
responde o Juiz madraço,  
minha honra é minha Lei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

7 O Mercador avarento,  
quando a sua compra estende,  
no que compra, e no que vende,  
tira duzentos por cento:  
não é ele tão jumento,  
que não saiba, que em Lisboa  
se lhe há de dar na gamboa;  
mas comido já o dinheiro  
diz, que a honra está primeiro,  
e que honrado a toda Lei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

8 A viúva autorizada,  
que não possui um vintém,  
porque o Marido de bem  
deixou a casa empenhada:  
ali vai a fradálhada,

qual formiga em correição,  
dizendo, que à casa vão  
manter a honra da casa,  
se a virdes arder em brasa,  
que ardeu a honra entendei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

9 O Adônis da manhã,  
o Cupido em todo o dia,  
que anda correndo a Coxia  
com recadinhos da Irmã:  
e se lhe cortam a lã,  
diz, que anda naquele andar  
por a honra conservar  
bem tratado, e bem vestido,  
eu o verei tão despido,  
que até as costas lhe verei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

10 Se virdes um Dom Abade  
sobre o púlpito cioso,  
não lhe chameis Religioso,  
chamai-lhe embora de Frade:  
e se o tal Paternidade  
rouba as rendas do Convento  
para acudir ao sustento  
da puta, como da peita,  
com que livra da suspeita  
do Geral, do Viso-Rei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

DEFINE A SUA CIDADE.

MOTE

*De dous ff se compõe  
esta cidade a meu ver  
um furtar, outro foder*

1 Recopilou-se o direito,  
e quem o recopilou  
com dous ff o explicou  
por estar feito, e bem feito:  
por bem Digesto, e Colheito  
só com dous ff o expõe,

e assim quem os olhos põe  
no trato, que aqui se encerra,  
há de dizer, que esta terra  
De dous ff se compõe.

2     Se de dous ff composta  
está a nossa Bahia,  
errada a ortografia  
a grande dano está posta:  
eu quero fazer apostas,  
e quero um tostão perder,  
que isso a há de perverter,  
se o *furtar* e o *foder* bem  
não são os ff que tem  
Esta cidade a meu ver.

3     Provo a conjectura já  
prontamente como um brinco:  
Bahia tem letras cinco  
que são B-A-H-I-A:  
logo ninguém me dirá  
que dous ff chega a ter,  
pois nenhum contém sequer,  
salvo se em boa verdade  
são os ff da cidade  
um furtar, outro foder.

QUEIXA-SE A BAHIA POR SEU BASTANTE PROCURADOR,  
CONFESSANDO, QUE AS CULPAS, QUE LHE INCREPAM, NÃO  
SÃO SUAS, MAS SIM DOS VICIOSOS MORADORES,  
QUE EM SI ALBERGA.

Já que me põem a tormento  
murmuradores nocivos,  
carregando sobre mim  
suas culpas, e delitos:  
Por crédito de meu nome,  
e não por temer castigo  
confessar quero os pecados,  
que faço, e que patrocino.  
E se alguém tiver a mal  
descobrir este sigilo,  
não me infame, que eu serei

pedra em poço, ou seixo em rio.  
Sabei, céu, sabei, estrelas,  
escutai, flores, e lírios,  
montes, serras, peixes, aves,  
luz, sol, mortos, e vivos:  
Que não há, nem pode haver  
desde o Sul ao Norte frio  
cidade com mais maldades,  
nem província com mais vícios:  
Do que sou eu, porque em mim  
recopilados, e unidos  
estão juntos, quantos têm  
mundos, e remos distintos.  
Tenho Turcos, tenho Persas  
homens de nação Ímpios  
Magores, Armênios, Gregos,  
infiéis, e outros gentios.  
Tenho ousados Mermidônios,  
tenho Judeus, tenho Assírios,  
e de quantas castas há,  
muito tenho, e muito abrigo.  
E se não digam aqueles  
prezados de vingativos,  
que santidade têm mais,  
que um Turco, e um Moabito?  
Digam Idólatras falsos,  
que estou vendo de contíno,  
adorarem ao dinheiro,  
gula, ambição, e amóricos.  
Quantos com capa cristã  
professam o judaísmo,  
mostrando hipocritamente  
devoção à Lei de Cristo!  
Quantos com pele de ovelha  
são lobos enfurecidos,  
ladrões, falsos, e aleivosos,  
embusteiros, e assassinos!  
Estes por seu mau viver  
sempre péssimo, e nocivo  
são, os que me acusam de danos,  
e põem labéus inauditos.  
Mas o que mais me atormenta,  
é ver, que os contemplativos,  
sabendo a minha inocência,  
dão a seu mentir ouvidos.  
Até os mesmos culpados

têm tomado por capricho,  
para mais me difamarem,  
porem pela praça escritos.  
Onde escrevem sem vergonha  
não só brancos, mas mestiços,  
que para os bons sou inferno,  
e para os maus paraíso.  
Ó velhacos insolentes,  
ingratos, mal procedidos,  
se eu sou essa, que dizeis,  
porque não largais meu sítio?  
Por que habitais em tal terra,  
podendo em melhor abrigo?  
eu pego em vós? eu vos rogo?  
respondei! dizei, malditos!  
Mandei acaso chamar-vos  
ou por carta, ou por aviso?  
não viestes para aqui  
por vosso livre alvedrio?  
A todos não dei entrada,  
tratando-vos como a filhos?  
que razão tendes agora  
de difamar-me atrevidos?  
Meus males, de quem procedem?  
não é de vós? claro é isso:  
que eu não faço mal a nada  
por ser terra, e mato arisco.  
Se me lançais má semente,  
como quereis fruto limpo?  
lançai-a boa, e vereis,  
se vos dou cachos opimos.  
Eu me lembro, que algum tempo  
(isto foi no meu princípio)  
a semente, que me davam,  
era boa, e de bom trigo.  
Por cuja causa meus campos  
produziam pomos lindos,  
de que ainda se conservam  
alguns remotos indícios.  
Mas depois que vós viestes  
carregados como ouriços  
de sementes invejosas,  
e legumes de maus vícios:  
Logo declinei convosco,  
e tal volta tenho tido,  
que, o que produzia rosas,  
hoje só produz espinhos.

Mas para que se conheça  
se falo verdade, ou minto,  
e quanto os vossos enganos  
têm difamado o meu brio:  
confessar quero de plano,  
o que encubro por servir-vos  
e saiba, quem me moteja,  
os prêmios, que ganho nisso.  
Já que fui tão pouco atenta,  
que a luz da razão, e o siso  
não só quis cegar por gosto,  
mas ser do mundo ludíbrio.  
Vós me ensinastes a ser  
das inconstâncias arquivo,  
pois nem as pedras, que gero,  
guardam fé aos edifícios.  
Por vosso respeito dei  
campo franco, e grande auxílio  
para que se quebrantassem  
os mandamentos divinos.  
Cada um por suas obras  
conhecerá, que meu xingo,  
sem andar excogitando,  
para quem se aponta o tiro.

#### PRECEITO 1

Que de quilombos que tenho  
com mestres superlativos,  
nos quais se ensinam de noite  
os calundus, e feitiços.  
Com devoção os freqüentam  
mil sujeitos femininos,  
e também muitos barbados,  
que se prezam de narcisos.  
Ventura dizem, que buscam;  
não se viu maior delírio!  
eu, que os ouço, vejo, e calo  
por não poder divertir-los.  
O que sei, é, que em tais danças  
Satanás anda metido,  
e que só tal padre-mestre  
pode ensinar tais delírios.  
Não há mulher desprezada,  
galã desfavorecido,  
que deixe de ir ao quilombo  
dançar o seu bocadinho.

E gastam pelas patacas  
com os mestres do cachimbo,  
que são todos jubilados  
em depenar tais patinhos.  
E quando vão confessar-se,  
encobrem aos Padres isto,  
porque o têm por passatempo,  
por costume, ou por estilo.  
Em cumprir as penitências  
rebeldes são, e remissos,  
e muito pior se as tais  
são de jejuns, e cilícios.  
A muitos ouço gemer  
com pesar muito excessivo,  
não pelo horror do pecado,  
mas sim por não consegui-lo.

## PRECEITO 2

No que toca aos juramentos,  
de mim para mim me admiro  
por ver a facilidade,  
com que os vão dar a juízo.  
Ou porque ganham dinheiro,  
por vingança, ou pelo amigo,  
e sempre juram conformes,  
sem discreparem do artigo.  
Dizem, que falam verdade,  
mas eu pelo que imagino,  
nenhum, creio, que a conhece,  
nem sabe seus aforismos.  
Até nos confessionários  
se justificam mentindo  
com pretextos enganosos,  
e com rodeios fingidos.  
Também aqueles, a quem  
dão cargos, e dão ofícios,  
suponho, que juram falso  
por conseqüências, que hei visto.  
Prometem guardar direito,  
mas nenhum segue este fio,  
e por seus rodeios tortos  
são confusos labirintos.  
Honras, vidas, e fazendas  
vejo perder de contínuo,  
por terem como em viveiro  
estes falsários metidos.

### PRECEITO 3

Pois no que toca a guardar  
dias Santos, e Domingos:  
ninguém vejo em mim, que os guarde,  
se tem, em que ganhar jimbo.  
Nem aos míseros escravos  
dão tais dias de vazio,  
porque nas leis do interesse,  
é preceito proibido.  
Quem os vê ir para o templo  
com as contas e os livrinhos  
de devoção, julgará,  
que vão p'ra ver a Deus Trino:  
Porém tudo é mero engano,  
porque se alguns escolhidos  
ouvem missa, é perturbados  
desses, que vão por ser vistos.  
E para que não pareça,  
aos que escutam, o que digo,  
que há mentira, no que falo  
com a verdade me explico:  
Entra um destes pela Igreja,  
sabe Deus com que sentido,  
e faz um sinal-da-cruz  
contrário ao do catecismo.  
Logo se põe de joelhos,  
não como servo rendido,  
mas em forma de besteiro  
cum pé no chão, outro erguido.  
Para os altares não olha,  
nem para os Santos no nicho,  
mas para quantas pessoas  
vão entrando, e vão saindo.  
Gastam nisto o mais do tempo,  
e o que resta divertidos  
se põem em conversação,  
com os que estão mais propíquos.  
Não contam vidas de Santos,  
nem exemplos ao divino,  
mas sim muita patarata,  
do que não há, nem tem sido.  
Pois se há sermão, nunca o ouvem,  
porque ou se põem de improviso  
a cochilar como negros,  
ou se vão escapulindo.

As tardes passam nos jogos,  
ou no campo divertidos  
em murmurar dos governos,  
dando Leis, e dando arbítrios.

As mulheres são piores,  
porque se lhes faltam brincos  
manga a volá, broche, troço,  
ou saia de labirintos,  
não querem ir para a Igreja,  
seja o dia mais festivo,  
mas em tendo essas alfaias,  
saltam mais do que cabritos.

E se no Carmo repica,  
ei-las lá vão rebolindo,  
o mesmo para São Bento,  
Colégio, ou São Francisco.  
Quem as vir muito devotas,  
julgará sincero, e liso,  
que vão na missa, e sermão  
a louvar a Deus com hinos.

Não quero dizer, que vão,  
por dizer mal dos Maridos,  
aos amantes, ou talvez  
cair em erros indignos.

Debaixo do parentesco,  
que fingem pelo apelido,  
mandando-lhes com dinheiro  
muitos, e custosos mimos.

#### PRECEITO 4

Vejo, que morrem de fome  
os Pais daquelas, e os Tios,  
ou porque os vêem Lavradores,  
ou porque tratam de ofícios.

Pois que direi dos respeitos,  
com que os tais meus mancebinhos  
tratam esses Pais depois  
que deixam de ser meninos?

Digam-no quantos o vêem,  
que eu não quero repeti-lo,  
a seu tempo direi como  
criam estes morgadinhos.

Se algum em seu testamento  
cerrado, ou nuncupativo  
a algum parente encarrega  
sua alma, ou legados pios:  
Trata logo de enterrá-lo

com demonstrações de amigo,  
mas passando o Resquiescat  
tudo se mate no olvido.

Da fazenda tomam posse  
até do menor caquinho;  
mas para cumprir as deixas  
adoecem de fastio.

E desta omissão não fazem  
escrúpulo pequenino,  
nem se lhes dá, que o defunto  
arda, ou pene em fogo ativo.  
E quando chega a apertá-los  
o tribunal dos resíduos,  
ou mostram quitações falsas,  
ou movem pleitos renhidos.

Contados são, os que dão  
a seus escravos ensino,  
e muitos nem de comer,  
sem lhes perdoar serviço.

Oh quantos, e quantos há  
de bigode fernandino,  
que até de noite às escravas  
pedem salários indignos,

Pois no modo de criar  
aos filhos parecem símios,  
causa por que os não respeitam,  
depois que se vêem crescidos.

Criam-nos com liberdade  
nos jogos, como nos vícios,  
persuadindo-lhes, que saibam  
tanger guitarra, e machinho.

As Mães por sua imprudência  
são das filhas desperdício,  
por não haver refestela,  
onde as não levem consigo.

E como os meus ares são  
muito coados, e finos,  
se não há grande recato,  
têm as donzelas perigo.

Ou as quebranta de amores  
o ar de algum recadinho,  
ou pelo frio da barra  
saem co ventre crescido.

Então vendo-se opiladas,  
se não é do santo vínculo,  
para livrarem do achaque,  
buscam certos abortinhos.

Cada dia o estou vendo,  
e com ser isto sabido,  
contadas são, as que deixam  
de amar estes precipícios.  
Com o dedo a todas mostro,  
quanto indica o vaticínio,  
e se não querem guardá-lo,  
não culpam meu domicílio.

#### PRECEITO 5

Vamos ao quinto preceito,  
Santo Antônio vá comigo,  
e me depare algum meio,  
para livrar do seu risco.  
Porque suposto que sejam  
quietos, mansos, benignos,  
quantos pisam meus oiteiros,  
montes, vales, e sombrios;  
Pode suceder, que esteja  
algum áspide escondido  
entre as flores, como diz  
aquele provérbio antigo.  
Faltar não quero à verdade,  
nem dar ao mentir ouvidos,  
o de César dê-se a César,  
o de Deus a Jesu Cristo.  
Não tenho brigas, nem mortes,  
pendências, nem arruídos,  
tudo é paz, tranqüilidade,  
cortejo com regozijo:  
Era dourada parece,  
mas não é como eu a pinto,  
porque debaixo deste ouro  
tem as fezes escondido.  
Que importa não dar aos corpos  
golpes, catanadas, tiros,  
e que só sirvam de ornato  
espada, e cotós limpos?  
Que importa, que não se enforquem  
os ladrões, e os assassinos,  
os falsários, maldizentes,  
e outros a este tonilho?  
Se debaixo desta paz,  
deste amor falso, e fingido  
há fezes tão venenosas,  
que o ouro é chumbo mofino?

É o amor um mortal ódio,  
sendo todo o incentivo  
a cobiça do dinheiro,  
ou a inveja dos ofícios.  
Todos pecam no desejo  
de querer ver seus patrícios  
ou da pobreza arrastados,  
ou do crédito abatidos.  
E sem outra causa mais  
se dão a destro, e sinistro  
pela honra, e pela fama  
golpes crueis, e infinitos.  
Nem ao sagrado perdoam,  
seja Rei, ou seja Bispo,  
ou Sacerdote, ou Donzela  
metida no seu retiro.  
A todos enfim dão golpes  
de enredos, e mexericos  
tão crueis, e tão nefandos,  
que os despedaçam em cisco.  
Pelas mãos nada; porque  
não sabem obrar no quinto;  
mas pelas línguas não há  
leões mais enfurecidos.  
E destes valentes fracos  
nasce todo o meu martírio;  
digam todos, os que me ouvem,  
se falo a verdade, ou minto.

#### PRECEITO 6

Entremos pelos devotos  
do nefando Deus Cupido,  
que também esta semente  
não deixa lugar vazio.  
Não posso dizer, quais são  
por seu número infinito,  
mas só digo, que são mais  
do que as formigas, que crio.  
Seja solteiro, ou casado,  
é questão, é já sabido  
não estar sem ter borracha  
seja do bom, ou mau vinho.  
Em chegando a embebedar-se  
de sorte perde os sentidos,  
que deixa a mulher em couros,  
e traz os filhos famintos:

Mas a sua concubina  
há de andar como um palmito,  
para cujo efeito empenham  
as botas com seus atilhos.  
Elas por não se ocuparem  
com costuras, nem com bilros,  
antes de chegar aos doze  
vendem o signo de Virgo.  
Ouço dizer vulgarmente  
(não sei, é certo este dito)  
que fazem pouco reparo  
em ser caro, ou baratinho.  
O que sei é, que em magotes  
de duas, três, quatro, cinco  
as vejo todas as noites  
sair de seus esconderijos  
E como há tal abundância  
desta fruta no meu sítio,  
para ver se há, quem as compre,  
dão pelas ruas mil giros.  
E é para sentir, o quanto  
se dá Deus por ofendido  
não só por este pecado,  
mas pelos seus conjuntivos:  
como são cantigas torpes,  
bailes, e toques lascivos,  
venturas, e fervedouros,  
pau-de-forca, e pucarinhos.  
Quero entregar ao silêncio  
outros excessos malditos,  
como do Pai carumbá,  
Ambrósio, e outros pretinhos.  
Com os quais estas formosas  
vão fazer infames brincos  
governados por aqueles,  
que as trazem num cabrestinho.

#### PRECEITO 7

Já pelo sétimo entrando  
sem alterar o tonilho,  
digo, que quantos o tocam,  
sempre o tiveram por crítico.  
Eu sou, a que mais padeço  
de seus efeitos malignos,  
porque todos meus desdouros  
pelo sétimo têm vindo.

Não falo (como lá dizem)  
ao ar, ou *libere dicto*,  
pois diz o mundo loquaz,  
que encubro mil latrocínios.  
Se é verdade, eu não o sei,  
pois acho implicância nisto,  
porque o furtar tem dous verbos  
um furor, outro surrípio.  
Eu não vejo cortar bolsas,  
nem sair pelos caminhos,  
como fazem nas mais partes,  
salvo alguns negros fugidos.  
Vejo que a forca, ou picota  
paga os altos do vazio,  
e que o carrasco não ganha  
nem dous réis para cominhos.  
Vejo que nos tribunais  
há vigilantes Ministros,  
e se houvera em mim tal gente,  
andara à soga em contíno.  
Porém se disto não há,  
com que razão, ou motivo  
dizem por aí, que sou  
um covil de Latrocínios!  
Será por verem, que em mim  
é venerado, e querido  
Santo Unhate, irmão de Caco,  
porque faz muitos prodígios.  
Sem questão deve de ser,  
porque este Unhate maldito  
faz uns milagres, que eu mesma  
não sei, como tenho tino.  
Pode haver maior milagre  
(ouça bem quem tem ouvidos)  
do que chegar um Reinol  
de Lisboa, ou lá do Minho  
ou degredado por crimes  
ou por Moço ao Pai fugido,  
ou por não ter que comer  
no Lugar, onde é nascido:  
E saltando no meu cais  
descalço, roto, e despido,  
sem trazer mais cabedal,  
que piolhos, e assobios:  
Apenas se oferece a Unhate  
de guardar seu compromisso,  
tomando com devoção

sua regra, e seu bentinho:  
Quando umas casas aluga  
de preço, e valor subido,  
e se põe em tempo breve  
com dinheiro, e com navios?  
Pode haver maior portento,  
nem milagre encarecido,  
como de ver um Mazombo  
destes cá do meu pavio,  
que sem ter eira, nem beira,  
engenho, ou juro sabido  
tem amiga, e joga largo  
veste sedas, põe polvilhos?  
Donde lhe vem isto tudo?  
Cai do Céu? Tal não afirmo;  
ou Santo Unhate lho dá,  
ou do Calvário é prodígio.  
Consultam agora os sábios,  
que de mim fazem corrilhos,  
se estou ilesa da culpa,  
que me dão sobre este artigo.  
Mas não quero repetir  
a dor e o pesar, que sinto  
por dar mais um passo avante  
para o oitavo suplício.

#### PRECEITO 8

As culpas, que me dão nele,  
são, que em tudo o que digo,  
me aparto do verdadeiro  
com ânimo fementido.  
Muito mais é, do que falo,  
mas é grande barbarismo,  
quererem, que pague a albarda,  
o que comete o burrinho.  
Se por minha desventura  
estou cheia de percitos,  
como querem, que haja em mim  
fé, verdade, ou falar liso?  
Se como atrás declarei,  
se pusera cobro nisto,  
a verdade aparecera  
cruzando os braços comigo.  
Mas como dos tribunais  
proveito nenhum se há visto,  
a mentira está na terra,

a verdade vai fugindo.  
O certo é, que os mais deles  
têm por gala, e por capricho  
não abrir a boca nunca  
sem mentir de fito a fito.  
Deixar quero os pataratas,  
e tornando a meu caminho,  
quem quiser mentir o faça,  
que me não toca impedi-lo.

#### PRECEITO 9

Do nono não digo nada,  
porque para mim é vidro,  
e quem o quiser tocar,  
vá com o olho sobreaviso.  
Eu bem sei, que também trazem  
o meu crédito perdido,  
mas valha sem sê-lo *ex causa*,  
ou lhos ponham seus maridos.  
Confesso, que tenho culpas,  
porém humilde confio,  
mais que em riquezas do mundo,  
da virtude num raminho.

#### PRECEITO 10

Graças a Deus que cheguei  
a coroar meus delitos  
com o décimo preceito,  
no qual tenho delinqüido.  
Desejo, que todos amem,  
seja pobre, ou seja rico,  
e se contentem com a sorte,  
que têm, e estão possuindo.  
Quero finalmente, que  
todos, quantos têm ouvido,  
pelas obras, que fizerem,  
vão para o Céu direitinhos.

#### QUEIXAS DA SUA MESMA VERDADE.

1 Quer-me mal esta cidade . . . . . pela verdade,  
Não há, quem me fale, ou veja . . . . . de inveja,  
E se alguém me mostra amor . . . . . é temor.

De maneira, meu Senhor,

que me hão de levar a palma  
meus três inimigos d'alma  
Verdade, Inveja, e Temor.

2 Oh quem soubera as mentiras. .... do Milimbiras,  
Fora aqui senhor do bolo. .... como tolo,  
E feito tolo, e velhaco. .... fora um caco.

Meteria assim no saco  
Servindo, andando, e correndo  
as ligas, que vão fazendo  
Milimbiras, Tolo, e Caco.

3 Tirara cinzas tiranas ..... das bananas,  
Outro se os meus dez réis. .... de pastéis,  
E porque isento não fosse. .... até do doce.

Teria assim, com que almoce  
o meu amancebamento,  
pois lhe basta por sustento  
Bananas, Pastéis, e Doce.

4 Prendas, que a empenhar obrigo. .... pelo amigo,  
Dobrar-lhe eu o valor. .... e primor,  
Cobrando em dous bodegões. .... os tostões.

E seus donos asneirões  
ao desfazer da moeda  
perdem da mesma assentada  
Amigo, Primor, Tostões.

5 Ao jimbo, que se lhe conta. .... bota conta,  
E já por amigo vejo. .... sem ter pejo,  
Pois lhe tira de corrida. .... a medida.

Mas verdadeira, ou mentida  
a conta ajustada vem,  
sendo um homem, que não tem,  
Conta, Pejo, nem Medida.

6 Dever-me-ão camaradas. .... mil passadas,  
E o triste do companheiro. .... o dinheiro,  
E à conta das minhas brasas. .... as casas

Assim lhe empatara as vazas,  
pois o mesmo, que eu devia,  
por força me deveria

Passadas, Dinheiro, e Casas.

TORNA A DEFINIR O POETA OS MAUS MODOS DE OBRAR  
NA GOVERNANÇA DA BAHIA, PRINCIPALMENTE NAQUELA  
UNIVERSAL FOME, QUE PADECIA A CIDADE.

1 Que falta nesta cidade? ..... Verdade

Que mais por sua desonra. .... Honra

Falta mais que se lhe ponha. .... Vergonha.

O demo a viver se exponha,  
por mais que a fama a exalta,  
numa cidade, onde falta  
Verdade, Honra, Vergonha.

2 Quem a pôs neste socrócio? ..... Negócio

Quem causa tal perdição? ..... Ambição

E o maior desta loucura? ..... Usura.

Notável desaventura  
de um povo néscio, e sandeu,  
que não sabe, que o perdeu  
Negócio, Ambição, Usura.

3 Quais são os seus doces objetos? ..... Pretos

Tem outros bens mais maciços? ..... Mestiços

Quais destes lhe são mais gratos? ..... Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,  
dou ao demo a gente asnal,  
que estima por cabedal  
Pretos, Mestiços, Mulatos.

4 Quem faz os círios mesquinhos? ..... Meirinhos

Quem faz as farinhas tardas? ..... Guardas

Quem as tem nos aposentos? ..... Sargentos

Os círios lá vêm aos centos,  
e a terra fica esfaimando,  
porque os vão atravessando  
Meirinhos, Guardas, Sargentos.

5 E que justiça a resguarda? ..... Bastarda

É grátil distribuída? ..... Vendida

Quem tem, que a todos assusta? ..... Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa,  
o que El-Rei nos dá de graça,  
que anda a justiça na praça

Bastarda, Vendida, Injusta.

6 Que vai pela clerezia? ..... Simonia  
E pelos membros da Igreja? ..... Inveja  
Cuidei, que mais se lhe punha? ..... Unha.

Sazonada caramunha!  
enfim que na Santa Sé  
o que se pratica, é  
Simonia, Inveja, Unha.

7 E nos Frades há manqueiras? ..... Freiras  
Em que ocupam os serões? ..... Sermões  
Não se ocupam em disputas? ..... Putas.

Com palavras dissolutas  
me concluís na verdade,  
que as lidas todas de um Frade  
são Freiras, Sermões, e Putas.

8 O açúcar já se acabou? ..... Baixou  
E o dinheiro se extinguiu? ..... Subiu  
Logo já convalesceu? ..... Morreu.

Á Bahia aconteceu  
O que a um doente acontece,  
cai na cama, o mal lhe cresce,  
Baixou, Subiu, e Morreu.

9 A Câmara não acode? ..... Não pode  
Pois não tem todo o poder? ..... Não quer  
É que o governo a convence? ..... Não vence.

Quem haverá que tal pense,  
que uma Câmara tão nobre  
por ver-se mísera, e pobre  
Não pode, não quer, não vence.